

PELLETIER, Philippe (2001), *Le Puritanisme vert: Aux origines de l'écologisme*, Paris, Le Pomier. ISBN 978-2-7465-2320-3, 428 pp.

Paulo Vasconcelos
CITCEM | FLUP
paulofvasconcelos@gmail.com

Será a ecologia – tal como sobejamente pensamos – uma corrente política de esquerda que se baseia na ciência do mesmo nome? A resposta a esta questão poderá ser encontrada nesta obra que recenseamos, de Philippe Pelletier (n. 1956), que nos convida a uma leitura mordaz da ecologia.

Através de uma análise de grande fôlego, com uma abundante bibliografia, Pelletier, apresenta-nos com esta obra o conceito de “puritanismo verde”, traçando de forma clara as origens do ecologismo.

Com o objetivo de encontrar as origens das correntes puritanas do ambientalismo, o autor ensaia sobre os resultados do dualismo ambientalismo e puritanismo, cuja combinação “pode parecer incongruente para quem pensa que o movimento ambientalista é hedonista, emancipado e libertário”¹ (p. 6), ou inclusive, para aqueles que fazem uma “conceção generosa, luminosa e alegre da ecologia”² (p. 6). Assim, alerta-nos para o facto de que tudo isto poderá ser compreendido tanto a nível mais global com contextos culturalmente e economicamente bem determinados, como a nível mais particular descrevendo a relação do puritanismo com o ambiente que envolve um conjunto de valores e comportamentos, dos quais os costumes, a sexualidade, a vida política e a relação com a natureza são componentes essenciais.

Neste ensaio, enraizado numa visão histórica de longa duração de uma inter-relação da sociedade-natureza, é dado destaque às grandes transformações desde meados do séc. XIX – com as revoluções industriais e darwiniana –, o questionamento das visões tradicionais da natureza alicerçadas nas novas teorias emergentes como o positivismo, darwinismo, ou até mesmo o marxismo.

Pelletier desenvolve uma nova visão e um novo paradigma sobre a História dos pensamentos relacionados com o ambientalismo. Esta exposição é feita com a preocupação de descrever o percurso histórico e ideológico do ambientalismo e do

¹ [tradução livre].

² [tradução livre].

puritanismo, na qual é desconstruída a ideia ou visão habitual de que o ecologismo é um fenómeno recente, tendo-se constituído em sensibilidade ambiental após o final dos *Trinta Gloriosos* (1945-1975), da expansão urbana e industrial, da transformação dos ambientes naturais e deterioração das condições de vida, ou ainda, para alguns, que remonta especificamente ao rescaldo da II Guerra Mundial, nomeadamente com a destruição atómica das cidades japonesas de Hiroxima e de Nagasaki (cf. p. 7).

Para o autor, ambientalismo e puritanismo transportam uma combinação que traz à tona um “puritanismo verde” com profunda conexão com a confissão protestante homónima justamente numa altura em que se multiplicam fenómenos enunciados de *ecologia punitiva*, termo usado pelo autor, ou seja, imposições de vária natureza que vão do tipo de alimentação aos próprios comportamentos sociais, ou proibições baseadas em regulamentos ambientais.

Segundo Pelletier, o grande impulso do puritanismo verde foi ter introduzido uma visão religiosa nas questões ambientais, que remonta ao séc. XVII aquando da emigração para a América de membros da confissão protestante do mesmo nome, tal como podemos perceber nas palavras do autor: “as raízes ideológicas do ambientalismo estão historicamente enraizadas no que é a priori a antítese da ciência: a religião e, particularmente, o protestantismo”³ (p. 14). Esta visão religiosa no domínio ambiental, originou múltiplas ramificações e recomposições, designadamente escandinavas, francesas e americanas, aturadamente estudadas nesta obra.

Com a referência ao movimento religioso puritano, a tese deste livro concentra-se na análise de certos personagens rígidos e autoritários que se conectam na realidade com as premissas da ecologia e do ecologismo e que se ancoram num puritanismo original (cf. p. 7), resultado do encontro do ambientalismo com a sua fonte, isto é, com o puritanismo.

Apresentando uma rica e abrangente cronologia, de autores e pensadores relacionados com uma “ecologia erudita”, o autor apresenta uma obra que conta com uma introdução, o total de oito capítulos e uma conclusão, reservando as últimas páginas para um índice de nomes e pronomes.

Na Introdução trata do percurso histórico e ideológico demonstrando que o ecologismo não é um fenómeno tão recente como pensamos, passando por descrever a

³ [tradução livre].

ciência da ecologia e ecologismo, a controvérsia Lynn White, as réplicas a esta última controvérsia, a teoria Weberiana aplicada à ecologia e, por fim, a epifania ambientalista.

No primeiro capítulo, são tratados vários tópicos tais como: o fenómeno do transcendentalismo, selvagem e deserto, passando para um tema que aborda Henry David Thoreau como puritano e o profeta da selvajaria. São ainda dedicadas páginas sobre o selvagem, o sublime e a fronteira, e o que representa o dizer selvagem no Japão. Com acuidade é tratada a personalidade influente de Geoge P. Marsh, descrito como o puritano do “homem perturbador” e, por fim, Élisée Reclus, numa alusão da rutura deste com o puritanismo.

No segundo capítulo, o autor dedica uma parte a Ernest Haeckel, biólogo e zoólogo prussiano, como o fundador da ecologia em 1866, e a “Segunda Reforma”.

No terceiro capítulo, são apresentados vários pontos, entre os quais destacamos os parques nacionais criados pela primeira vez nos Estados Unidos e o modelo puritano de parque. Um subponto que trata do patriarcado verde WASP⁴ americano, ou outro ainda, da proteção da natureza ao eugenismo e anti-imigração.

No quarto capítulo, Pelletier disserta sobre o puritanismo verde na Alemanha, a religião nazista da natureza e as convergências e divergências com o protestantismo.

O quinto capítulo, é dedicado à figura de Aldo Leopold, apresentando-o como um caçador e silvicultor, “o Moisés do deserto”, discorrendo pelas críticas a ele direcionadas e o eco que os seus escritos obtiveram.

No sexto capítulo, o autor analisa o Malthusianismo e Desenvolvimento, o rumo até à ecologia política, ou ainda o puritanismo de Rachel Carson, afigurado a um pedido de arrependimento dos humanos na guerra contra a natureza.

No sétimo capítulo, o enfoque é dado a personalidades como Robert Hainard, Jacques Ellul, a mudança de rumo imprimida por Bernard Charbonneau, e por fim, o papel dianteiro de Denis de Rougemont na ecologia, nomeadamente o de conceptualizar a ecologia no âmbito de um projeto abrangente das políticas ambientais.

O oitavo e último capítulo discorre sobre o puritanismo verde no séc. XX, sobretudo por este ter introduzido uma visão religiosa protestante nas questões ambientais e tem,

⁴ Branco, Anglo-Saxão e Protestante – White, Anglo-Saxon and Protestant (WASP). Grupo praticamente homogéneo que aglomera um conjunto de indivíduos de religião protestante de raízes britânicas, aos quais é atribuída a conotação de deterem grande poder económico, político e social.

como principais temas abordados, o panteísmo de Arne Naess, filósofo e ecologista norueguês, conhecido por ter cunhado o termo *deep ecology*.

É ainda apresentada uma conclusão, na qual são aludidas algumas considerações – acerca do eco puritanismo, a relação deste com o capitalismo, da dinâmica anglo-americana, o eco puritanismo e o “lugar do homem na natureza” –, o autor, aponta para uma conclusão chave: “o ambientalismo é cada vez mais associado a um puritanismo verde”⁵ (p. 377).

Esta obra tem vários méritos, entre os quais destacamos o de compelir-nos a repensar as responsabilidades das atuais crises ambientais, as origens dos movimentos ambientalistas, desconstruindo, simultaneamente, as abordagens moralizantes que se prendem à natureza pecadora dos seres humanos, para a construção de uma crítica a um sistema económico e político muito particular, o capitalismo, que tem particular enfoque no produtivismo, mas que oculta o facto de ter como principal força motriz vender, e não propriamente, a produção de bens e mercadorias que satisfaçam as necessidades humanas.

⁵ [tradução livre].